

cola quando existia aquele concurso de bandas e que eu achava que o concurso, em si só, tinha algumas falhas, porque ele não dava formação, porque o mestre de bandas precisava dominar algumas ferramentas para levar a sua instituição à frente. Não bastava apenas tocar um instrumento. Não podia apenas ser um certame de competição entre as bandas, mas que os mestres pudessem, também, ampliar os seus conhecimentos. Criamos, naquele momento, junto com o professor Ripper, um curso de formação. Então, o festival passou a ser não só um certame de disputa entre as bandas, mas, também, um elemento de formação de seus mestres, seus músicos etc. Esse pensamento é o pensamento que a Escola de Música Villa Lobos tem.

Nós, ano que vem, em junho, estaremos fazendo setenta anos dedicados à educação musical no Estado do Rio de Janeiro. É uma escola importantíssima porque trabalha num segmento em que as demais escolas não trabalham. Nós atendemos crianças a partir dos seis anos de idade. Atendemos dos seis aos 80 anos. Nós temos um curso lá para a terceira idade. Temos um espectro bastante grande. A escola está no interior no Estado desde 99. Temos seis núcleos atualmente, funcionando: Paracambi, Conceição de Macabu, Cachoeira de Macacu, Búzios, Miracema, Paracambi, núcleos da Escola de Música Villa Lobos com parcerias entre a escola, a Fundação Anita Mantuano de Artes do Estado do Rio de Janeiro e as prefeituras municipais. É uma parceria de troca de conhecimento técnico. A escola implanta a escola lá, assessora todo o seu funcionamento junto às prefeituras e pretendemos que elas consigam andar com suas próprias pernas, como Paracambi, que já tem lá uma fundação voltada para a cultura - o núcleo lá está subordinado a essa fundação - e tantos outros que já passaram por esse convênio com a escola, através da Funarj.

Mas, a Escola tem uma história de muita resistência. A Escola de Música Villa Lobos é uma história de resistência, desde sua fundação. É uma escola popular, de massa, para a formação musical. Estará fazendo setenta anos ano que vem, e passa por vários momentos na sua história resistindo às mudanças de governo, às mudanças de projetos, enfim. A Escola luta há 30 anos para que haja um concurso público para a contratação de professores para os seus quadros, porque nós perdemos professores, todos os anos, ou por aposentadoria ou por vários fatores e o nosso quadro vai diminuindo, mas, mesmo assim, a Escola resiste e continua cumprindo o seu papel. Então, a Escola está presente no interior do Estado. Eu acho que isso vai ao encontro do que a Secretária de Cultura falou, de interiorizar as ações das instituições para o interior, estendendo o se braço para esse interior. Estamos presentes no interior desde 1999, fazendo esse trabalho, e passamos por uma grande revolução ultimamente. Em 2020, início de 2020, fomos pegos por essa pandemia e tivemos que nos adaptar para continuar prestando esse serviço à sociedade.

Com o apoio da Funarj - presidente José Roberto Nicola, que é presidente da Funarj - em 20 dias, um pouco mais, nós retornamos ao atendimento aos nossos alunos online. Foi uma verdadeira revolução e, para isso, tivemos que utilizar a tecnologia presente no momento, e com muita ajuda, inclusive, dos nossos próprios alunos. Então, foi uma troca espetacular entre os nossos professores, nossos alunos, uma dedicação imensa dos professores porque, por incrível que pareça, o professor online trabalha mais do que na aula presencial, porque é muito mais difícil dar aula online, imagine dar aula de música online. É muito mais difícil.

Aprendemos nesse tempo que essa ferramenta é uma ferramenta que veio para ficar. A Escola deu um salto qualitativo. Entendemos, com a pandemia, que a Escola de Música Villa Lobos não pode mais ser uma escola apenas que ensina o aluno a tocar bem o seu instrumento. Ela precisa colocar o aluno em contato com essas novas tecnologias. Uma escola de formação de músicos, é essa nossa orientação primeira, é preciso que ela mostra para os alunos quais são as ferramentas que esse século 21 coloca à nossa disposição. Então, nós passamos a oferecer aos nossos alunos cursos na área de direito autorais, streaming, como funcionam essas redes sociais, Youtube, Instagram, todas essas tecnologias. Semana que vem, nós vamos cumprir praticamente quase 40 horas de palestras para os nossos alunos acerca dessas ferramentas, como utilizar essas ferramentas para a construção da sua carreira. São ferramentas que o músico precisa dominar hoje em dia. Hoje, você não tem mais um disco físico, você não tem mais nem o CD. Você baixa a música na internet. Então, são novas tecnologias. A Escola está se preparando para isso.

Em 2022, nós vamos lançar o nosso curso online. A Escola, hoje, atende alunos de Goiás, Rio Grande do Sul, México, porque, como ela está online, muita gente se matricula e está fazendo o curso à distância. Então, nós entendemos que é uma ferramenta que veio para ficar, como alguém aqui já falou, mas não queremos abrir mão da nossa atividade presencial. Então, a escola vai ter três modalidades em 2022, totalmente online, que é o à distância; o híbrido, que é à distância e presencial, que o aluno pode fazer todas as disciplinas teóricas online e faz as disciplinas práticas na Escola, e a presencial. Temos dado assessoria aos nossos núcleos no interior com relação à questão das aulas online. Muitos têm dificuldades por conta de sinal, de internet, de acesso, enfim, são dificuldades que esses tempos de pandemia trazem.

Mas, para concluir, quero dizer a Escola sempre esteve à frente do seu tempo. Nós estamos, nos sentimos completamente integrados a essa ação que visa formar, dar essa formação cultural, dar essas ferramentas a esses gestores para que eles possam avançar com seus projetos. Enfim, estamos à disposição. Só lembrando que com o decreto do governador, em março, se não me engano 13 ou 17 de março, decretava que todos trabalhavam de casa, em 20 dias, um grupo de professores voltou para a Escola para botar a Escola para funcionar online. Desde esse dia, em momento algum, a Escola esteve ausente da sua tarefa. Perdemos alguns alunos, evidentemente, porque muitos tiveram dificuldade de se adaptar ao uso da internet, assistir às aulas online, principalmente os mais idosos, mas estamos recuperando, gradativamente, esses alunos.

Muito obrigado. Vamos em frente. Acho que eu fiquei nos meus cinco minutos.

A SRA. PRESIDENTE (Dani Monteiro) - Ficou, sim. José Maria, eu agradeço muito a contribuição. Acho que os desafios para ampliação da formação e a capacidade não apenas do Estado, mas, como um todo, a gente capilarizar os saberes. As informações, sobretudo, passarão pelas novas tecnologias. Quando a gente fala de novos aspectos culturais como especiais, no que tange a música, a gente fala das novas expressões culturais, como Rap, Hip Hop, Funk, essas são produções essencialmente que são feitas pela rede, e o quanto que a rede democratizou, por assim, a possibilidade de produção.

Lembro de assistir a um vídeo do maior DJ que tem aqui no Brasil, o Alok, conversando com um MC, de uma periferia de São Paulo, o Ariel, e o Ariel explicava para ele a beleza do Funk está na possibilidade de democratizar quem pode fazer sucesso. Mesmo aqui, dentro de um estúdio, com equipamentos caros, com toda uma produção técnica que pode ser feita uma música, ainda assim um jovem que esteja lá com o seu computador, capenga, lá na sua casa, no seu barracão, na favela, ele pode produzir uma música que seja mais sucesso do que essa dentro do estúdio. Então, de fato, isso vem desse arcabouço da tecnologia. Mas, o José Maria é muito ponderado, como a gente faz, pega, traduz essa melhor parte da ampliação, da democratização do produzir e do fazer cultura, mas garantindo o ensino, a aprendizagem, garantindo a interação. Afinal, cultura também é produzida nessa experimentação coletiva do olho no olho, como está indicando o José Maria, exatamente. Então, o desafio é esse e ouvir essa contribuição é importante.

Chamo agora Hélio Bejani, diretor da Escola Estadual de Dança Maria Olenewa.

O SR. HÉLIO BEJANI - Boa-tarde. Eu estou num espaço aqui em que eu preciso ficar com a máscara, porque estou dentro da sala do teatro. Aqui, toda hora, aparece alguém. É nossa regra aqui. Estamos contribuindo com os protocolos, com o que é necessário. Nós conseguimos retomar os trabalhos, com muito trabalho, porque seguir os protocolos todos, a gente tem aqui uma média de 250 alu-

nos, dos oito aos 21 anos. Então, são adolescentes, vocês sabem que não é fácil, ansiosos por voltar. A gente passou um ano e mais alguma coisa com aulas online e aula de ballet online não é fácil. É complicado. Eu só falei um pouco disso porque a gente está trazendo esse assunto também, porque é importante a gente ter essa luta equipe.

Antes eu quero agradecer o convite. É a primeira vez que eu estou participando. Estou muito honrado de estar ao lado de pessoas tão capacitadas, tão competentes. É uma alegria muito grande para mim. Eu estou aqui, hoje, mais para ouvir até, mas já coloco a Escola Maria Olenewa à disposição, enquanto diretor nesse momento, engajada em todas essas propostas aí, essa proposta de uma Escola de Cultura, da nossa Secretária, a Danielle, que ela já conhece um pouco do nosso trabalho aqui. Agradeço também a ela por avaliar esse trabalho. Às vezes você até não pode fazer muito, mas dando a liberdade da gente fazer, isso já é uma grande ajuda. Eu agradeço também à nossa presidente, a Clara Paulino, que também está nos apoiando muito.

Já coloco aqui o nosso caminho. A gente também está trabalhando. A Escola Maria Olenewa é uma escola que acabou de fazer, no mês de abril agora, 94 anos. O corpo de baile do Theatro Municipal nasceu a partir da Escola. A Escola é anterior ao corpo de baile. A Escola é uma escola técnica, precisa de uma especificidade física. Ela tem uma questão que eu prezo muito aqui, todos nós, a minha equipe toda, que é a diversidade - a gente acha isso muito importante. Mais de 80% da Escola é de alunos de comunidade. É uma escola pública, uma escola gratuita, mas, ao mesmo tempo, é uma escola técnica. Então, a Escola Maria Olenewa tem essa questão da diversidade, dessa convivência que é muito importante também. A gente atende o Brasil todo. Nós somos referência mundial. Nós temos artistas, bailarinos exportados para o mundo todo. Ela atende também ao corpo de baile. A gente prepara os bailarinos para seguirem e dar sequência a esse bem imaterial que a gente tem, que é o corpo de baile, os corpos artísticos.

Nós fazemos um trabalho de, acima de tudo, usar a arte como ferramenta para educar, que eu acho que é uma questão muito importante que a gente precisa viver e vivenciar nesse momento. A gente precisa capacitar esse cidadão, acima de tudo. Não adianta só você colocar um artista, porque o artista tem também essa questão do ego; então, a gente precisa também quebrar um pouco isso e colocar o artista em contato com tudo que está acontecendo, capacitá-lo a isso também. E não existe um momento melhor do que esse momento da adolescência, que a gente tem essa possibilidade de modificar um pensamento, vamos colocar assim. Então, a gente comunica muito. Eu fiquei muito feliz quando a Danielle veio, que ela é da educação, então acho isso importante para a gente se utilizar nesse momento, juntar a arte com a educação. A gente precisa criar cidadãos melhores, cidadãos mais capacitados.

Nós temos alguns convênios com a UFRJ, de Dança e Saúde, e de francês, que a gente traz para cá. Eles fazem um curso de extensão deles. Eles trabalham aqui dentro da própria Escola. Nós temos toda uma grade, nós temos do preliminar até o pré-técnico, que são seis anos, um curso preparatório para os três anos técnicos que são reconhecidos pelo MEC.

A gente faz audições anuais para trazer esses alunos para dentro da escola. Então, assim, a gente recebe uma média de 500 alunos, por ano, para a gente avaliar e trazer para dentro da escola. A gente tem uma condição de trabalho aqui mais favorável, graças a Deus, por conta dos espaços que a gente tem do Theatro. Até isso nos facilitou esse retorno gradual, mas a gente já conseguiu agora, nesse mês, trazer toda a escola. Claro que só aqueles que se sintam seguros. Os pais participam muito. A gente tem uma associação de amigos que, através delas, a gente consegue realizar muita coisa aqui dentro, porque nós não temos uma verba pública específica para a gente. A nossa presidente atual está revendo isso, nos ajudando. Nossos professores são todos - principalmente do curso técnico - capacitados, com licenciatura em dança, todos com formação, com graduação. Estamos trazendo agora, que é, vamos dizer, a nossa cereja do bolo nesse momento, uma pós-graduação para dentro da escola, uma pós-graduação em ballet clássico. Ela não existe em lugar nenhum do Brasil. Então, nós queremos ser pioneiros nisso e, acima de tudo, para capacitar mais os nossos professores. Também temos, dentro dessa pós-graduação, já um pensamento de agregar outros setores do Estado, do município, de funcionários públicos, também, para abrir esse leque para todos e uma parte também para trazer as pessoas que não são funcionários, que não fazem parte de nenhuma instituição pública. Então, a gente está buscando crescer nesse sentido.

A gente ainda trabalha em cima do sonho da Maria Olenewa, quando fundou essa escola, que é transformar a escola num celeiro para atender ao Corpo de Baile, atender uma formação educacional, acima de tudo, e a gente buscar agregar, cada vez mais, essa condição de educar, de transformar, como foi dito aí, porque a educação não transforma, mas o ser humano transforma. Então, através da arte a gente educa. Esse é o nosso principal caminho dentro da escola. Nós funcionamos numa condição de uma equipe totalmente comprometida. Eu acho também importante. Como foi dito aí pelo meu amigo diretor da Villa Lobos, todos se empenharam: os alunos e professores, nesse momento. Aqui a gente teve uma coisa muito positiva que me deixou muito feliz, e eu acho que deixou a todos também que puderam ter esse tipo de experiência, o quanto as pessoas querem arte, o quanto as pessoas precisam. Eu costumo dizer que a arte foi muito importante nesse momento de pandemia. Ela foi extremamente no espiritual das pessoas, na alma das pessoas, atingiu esse momento. Então, a gente pôde perceber. Nós temos os médicos de homens, que estão à frente da pandemia, lutando, que a gente reverencia, mas nós temos os artistas, que são os médicos de almas, que são de extrema necessidade, principalmente nesse momento de transição, que a gente vai começar a sair dessa pandemia, graças a Deus. Vou usar mais um termo, que já foi usado aqui, mas que é o Freire, que é esperando o tempo todo. A gente vive nesse sentido. A nossa palavra de ordem aqui dentro da escola e do Theatro Municipal é esperar. Isso está passando, vai passar, com certeza, e o cidadão vai precisar muito, muito desse acalento para a alma, e só a arte pode dar isso.

Então, assim, eu quero deixar essa palavra, esse depoimento, e vou dar, só para encerrar, um exemplo. A minha esposa - a Danielle conhece bem ela, a Bete Bejani, ela trabalha com cinema e o cinema passou do zero, praticamente, a casas lotadas, dentro dos protocolos. Por aí, a gente vê o anseio das pessoas de buscarmos arte fora e não só dentro de casa. Não só pela televisão, não só pelo streaming, mas ir buscar isso fora. Então, assim, urgente que a gente consiga, com todas as condições, começar a reabrir os nossos teatros, principalmente os aparelhos públicos.

Então, assim, estou aqui, mais uma vez, agradecido pelo convite. Eu não sou muito de falar em público. Eu, apesar de ter sido primeiro bailarino do Theatro Municipal, de ter dançado para grandes plateias, quando a gente tem que falar, é mais difícil, principalmente perante pessoas tão importantes aqui. Quero agradecer a oportunidade. Muito obrigado e contem com a gente.

A SRA. PRESIDENTE (Dani Monteiro) - Obrigada, Hélio. De fato, uma das grandes possibilidades que as audiências públicas nos proporcionam é essa potência do encontro. A partir de determinado tema, a gente trazer diversos especialistas ou a sociedade civil organizada para debater esse tema. É sempre encontro de gigantes. Então, Hélio, quero fazer de suas palavras as minhas e reiterar, inclusive, que a arte salva vidas. Ela salva vidas e oportuniza nossa juventude. Parte do trabalho que vem conduzindo na frente da ...

O SR. HÉLIO BEJANI - Dani, você me permite uma coisa? A arte salvou a minha vida. Eu venho de um projeto social do interior de São Paulo, na minha terra. Só para dar esse depoimento. Eu não faço disso uma bandeira, mas eu uso isso como experiência para tentar ajudar isso que você falou. Desculpa. Um beijo.

A SRA. PRESIDENTE (Dani Monteiro) - Eu também. Certamente, Hélio, de maneira nenhuma. Não é interrupção. Acho importante porque é um pouco disso que a gente trabalha, inclusive na nossa Comissão de Direitos Humanos. O quanto a garantia de direito à cultura, que é um direito humano, ajuda, alicerça a garantia de outros direitos e, acima de tudo, possibilita para a nossa juventude a

oportunidade do sonho, a oportunidade do pertencimento, a oportunidade de contribuir para a sociedade. Cultura tem um poder de transformação incrível, especialmente nos territórios mais vulnerabilizados.

Cláudio, sei que você está aí também acompanhando, em nome da Secretária, acho que o Hélio trouxe também um elemento importante, que a Escola de Dança funciona atualmente, tem o aporte de um teatro. E quando a gente pensa nesse programa de formação, a garantia da cessão, do uso, da abertura em especial dos equipamentos públicos, mas a Secretária também pode fazer diversas parcerias com a iniciativa privada, e ampliar, também, a abertura desses espaços, porque, quando falamos de formação especial à distância, essa é uma questão que deve ser observada. Por isso a importância do programa, a possibilidade de usar os espaços para inclusive fazer a experimentação do que aprendeu no seu curso de formação. Muito bacana, Hélio, a sua participação.

Vou ser, gente, um pouco mais chata com o tempo, para a gente concluir da melhor forma possível e não precisar concluir corrido, que está próximo o horário do plenário aqui da Alerj e a gente não tem autorização para manter nenhuma sessão funcionando quando começar o plenário. Então, a gente, necessariamente, precisa encerrar.

Sim, Cláudia.

A SRA. CLÁUDIA VIANA - Serei bem breve, já fui apresentada. Para mim é um prazer gigantesco estar aqui nesse momento, conversando com vocês. Trazer, assim, que, realmente, ultrapassa aquilo que é do meu métier também porque, como educadora, eu tenho 36 anos como professora, e educação e arte têm que andar juntas o tempo todo.

Eu acho que a Escola da Arte tem tudo a ver com a construção cidadã daquela criança que está lá no banco da escola, no primeiro ano de escolaridade, com quatro ou cinco anos na creche. Tem tudo a ver. A gente precisa disso. Por que a gente precisa disso? Porque a arte é um reflexo do nosso interior. Hoje, a gente vive numa sociedade que a gente não se permite mostrar o interior. As crianças estão muito travadas nas suas emoções, por conta de tudo que acontece ao seu redor, sem uma definição. Quando você experimenta a arte na educação, dá para perceber todas as situações as quais aquelas crianças passam e elas podem, a partir daí, se expressar melhor, ter um envolvimento com a educação, com a aprendizagem de maneira, assim, maravilhosa, porque educação, para mim, é essa troca.

A professora Cláudia Gonçalves falou no início e isso, de fato, é uma grande verdade: só existe aprendizagem quando a gente consegue trocar. A gente leva um pouquinho de cada um aquilo que a gente experimenta um com o outro. E isso é importante. E isso a arte faz muito bem: ela deixa e leva também. Então, todos vocês, que estão aqui presentes, são realmente importantes para a Escola da Cultura. Nós vamos fazer parcerias, sim. Vamos procurar todos - queria deixar isso também registrado - porque a gente não consegue fazer aprendizagem na escola, nem formação, se não for a muitas mãos.

Então, todos vocês são pessoas extremamente importantes para a construção dessa Escola, que hoje está embrionária, mas que ela tende a crescer, gradativamente, servindo a todos os objetivos que a nossa lei tem como cumprimento. Era isso que eu queria falar.

A SRA. PRESIDENTE (Dani Monteiro) - Obrigada, Cláudia. Desculpe aqui a efusividade ao fundo, mas é que vi na sala e, com enorme satisfação, anuncio a presença do nosso presidente da Comissão de Cultura da Alerj, Deputado Eliomar Coelho, que, inclusive, Deputado, se quiser continuar a condução, a Casa é sua. Estou aqui trabalhando em prol da cultura, mas sobretudo sob a sua batuta.

O SR. ELIOMAR COELHO - Eu estou muito bem representado. Pode continuar, maravilhosamente, como você sempre fez. Eu estou aqui em Campinas. Cheguei ontem à noite. Estou aqui no sofrimento.

Eu quis aproveitar a oportunidade, até para cumprimentar todos aí e dizer que estamos juntos. A Comissão de Cultura está desempenhando e se esforçando para fazer tudo aquilo que é possível em prol da valorização do fazedor de cultura do Estado do Rio de Janeiro. Meu beijo para você, Dani, e um beijo aí para todo mundo.

A SRA. PRESIDENTE (Dani Monteiro) - Muito obrigado, querido presidente, pelo esforço que V. Exa. fez para entrar nesse espaço. Imagino que, por aí, garantir as pontas está sendo muito difícil, mas muita força, meu amigo, porque você, para nós, é fonte de resistência e inspiração. Tenho muito orgulho de ter você como companheiro de parlamento, companheiro de bancada e companheiro de comissão. Sua força me inspira muito. Muito obrigada por tudo, por toda luta e por não ter desistido da luta. Isso me faz ter certeza de que não posso desistir também.

O SR. ELIOMAR COELHO - Beleza pura. Um beijo. Pode continuar aí comandando os trabalhos.

A SRA. PRESIDENTE (Dani Monteiro) - Nosso querido presidente Eliomar Coelho, nosso decano aqui da Alerj, camarada de muitas lutas, vou seguir aqui, então, a condução dos trabalhos, sob a orientação do meu querido mestre Eliomar. Chamo, agora, Fernando Portela, diretor do Instituto Cultural Cidade Viva.

O SR. FERNANDO PORTELLA - Muito obrigado a todos. Parabenizo a Alerj não só por este momento, mas por como ela tem atuado. Isso é muito importante. Saúdo minha querida e amada secretária de Cultura Danielle. É uma oportunidade imensa, como aqui foi falado, podermos fazer parte com educação.

Eu tenho 35 anos como produtor cultural. Eu já fui a todos os municípios desse Estado. Criei, quando fui Subsecretário de Cultura do Estado, quando coordenei a Lei do ICMS, criei o Fórum Estadual de Cultura, que reunia nas regiões os Secretários de Cultura, artistas e produtores, por região. Depois, havia um geral de todos e, aí, fez nascer, na nossa cabeça, um conceito que eu acho que é, talvez, a única forma de sairmos de todos os nossos problemas, que é a formação das redes. Nós temos que ser uma rede de parcerias, não de vaidades, mas uma rede de parcerias.

Assim, hoje, nós vivemos na nossa rede. Nós levamos projetos. O Instituto indica projetos e recebe demandas. Um alimenta o outro. Um alimenta o outro também nas experiências, o que é muito importante. O Instituto foi criado para ser uma rede. Ele é uma rede. Hoje, inclusive, com a internet, não pode mexer muito com ela, senão ela sai do país e não temos como atender tudo. As coisas ficam muito grandes. Então, a primeira questão que eu acho importante é a rede.

O nosso trabalho é a gestão. Então, nesses anos, e mais do que nesses anos, porque eu fui Secretário de Cultura em Petrópolis e Cabo Frio, nesses anos todos, o nosso trabalho foi a montagem dessas redes e a criação desse diálogo permanente. Essa é uma questão que eu queria colocar como importante para, depois, nós conseguirmos saber como nos comunicar, como trocar.

Teria muita coisa para falar de tudo que falaram aqui, mas eu vou pontuar aquilo que eu julgo que é importante.

A nossa cultura não morre nunca. Ela é enterrada viva. Então, podem escondê-la, podem proibi-la, podem fechar, mas ela está viva. A nossa memória, que já falaram aqui, a história, a nossa identidade é a coisa mais importante que nós temos que fazer. A escola precisa contar não só a história do Brasil, mas a história do lugar onde aquela pessoa está vivendo, através, de repente, até de você pegar um celular hoje e gravar com os mais antigos como é que tudo aquilo começou. Por que eu tenho esse sotaque, por que eu tenho esse jeito, por que eu como aquela comida, qual é a minha história. Divulgar a história da gente, trabalhar em cima da história é despertar essas pessoas para uma ação importante. E a escola é fundamental porque o ensino da arte nas escolas desenvolve sensibilidade, faz respeitar diferenças, faz as pessoas montarem seus grupos e podem sonhar que podem realizar seus sonhos. Então, isso é uma questão muito importante.

Uma outra questão que eu queria colocar, que é a diferença entre ver e enxergar. Eu acho que essa é a nossa grande diferença. Quem vê, olha para o céu de noite, que está cheio de nuvens, e fala: ih! Não tem estrelas no céu. Quem enxerga, fala assim: Tem, sim, estão atrás das nuvens. Então, nós temos essa capacidade. Aliás, nem só todos os artistas e produtores, mas todos temos a capacidade, quando somos criativos, de enxergar por trás das nuvens, en-